

# Educação Ubique: para além do *broadcast*

Mônica Penalber\*

## Resumo

A proposta deste artigo é apresentar uma reflexão sistêmica da educação, buscando entender o educar no processo de formação do cidadão em um país-continente como o Brasil. Nesse recorte, procurou-se destacar a importância da educação a distância considerando a ideia de que a educação a distância vai além do *broadcast*, daí surge o conceito “ubique de educar” cujos pilares são: autonomia do indivíduo, aprendizado ao longo da vida e conexão com o mundo real. Discute-se ainda, a distinção entre nativos digitais e imigrantes digitais, apresentando o conceito de “e-migrantes digitais” como aqueles que transitam entre os mundos analógicos e digitais. Isso contribui para a compreensão do conceito de educação ubique, que não diferencia a educação presencial e a distância, e ressalta a importância de promover uma aprendizagem mais autônoma e significativa.

**Palavras-chave:** educação ubique. e-migrantes. educação a distância. autonomia. cidadania.

## Ubique education: beyond the broadcast

## Abstract

The purpose of this article is to present a systemic reflection on education, aiming to comprehend the act of educating within the process of shaping a citizen in a country-continent like Brazil. In this context, we sought to emphasize the significance of distance education, considering the notion that remote education goes beyond broadcasting. Hence, the concept of “ubique education” emerges, with its pillars being individual autonomy, lifelong learning, and connection to the real world. Further-

---

\* Doutorado e Mestrado em Letras, com ênfase em Análise do Discurso, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Idealizadora do Projeto Ubique Educacional, líder do Grupo de Estudos Transdisciplinares e Análise do Discurso (GETAD, na Ubique Educacional) /  
Contato: mpenalber@ubiqueeducacional.com

more, the distinction between digital natives and digital immigrants is discussed, introducing the concept of “e-migrants” as those who navigate between analog and digital realms. This contributes to the understanding of the concept of ubiquitous education, which blurs the line between in-person and remote education, underscoring the importance of promoting more autonomous and meaningful learning.

**Keywords:** ubiquitous education, e-migrants, distance education, autonomy, citizenship.

## Educación Ubique: más allá del broadcast

### Resumen

La propuesta de este artículo es presentar una reflexión sistémica sobre la educación, buscando comprender la educación en el proceso de formación de ciudadanos en un país-continente como Brasil. En este recorte se destaca la importancia de la educación a distancia considerando la idea de que la educación a distancia va más allá del broadcast, de ahí surge el concepto “ubique de educar”, estos pilares son: autonomía individual, aprendizaje permanente y conexión con el mundo real. También analiza la distinción entre nativos digitales e inmigrantes digitales, presentando el concepto de “e-migrantes digitales” como aquellos que se mueven entre los mundos analógico y digital. Esto contribuye a comprender el concepto de educación ubique, que no diferencia la educación presencial de la a distancia, y resalta la importancia de promover un aprendizaje más autónomo y significativo.

**Palabras clave:** educación ubique. e-migrantes. educación a distancia. autonomía. ciudadanía.

### Considerações iniciais

*E se a relação entre o currículo e a compreensão do estudante não puder ser desenhada como uma estrada linear, de mão única, na qual o currículo determina a compreensão?*  
(Elizabeth Ellsworth, p.69, 2001)

O debate sobre a educação no Brasil é sempre um terreno de múltiplas perspectivas: econômico, político, social, cultural entre outras. A proposta deste artigo é refletir, considerando, além dos pontos apresentados, um modo sistêmico de pensar a educação, per-

passando esse olhar por outras disciplinas. E ainda, há de se considerar também, o senso comum, que permeia o indivíduo do dia a dia, buscando, com isso, entender os motivos possíveis que podem estar intrincados ao entendimento do que seja o *educar* no processo de melhoria educacional e de formação do cidadão brasileiro.

O Brasil é um país de dimensões continentais. Essa afirmativa para quem busca tratar do tema Educação a distância é condição *sine qua non*, principalmente após a pandemia, para se pensar em melhorias no cenário educacional. Setores como economia, cultura e saúde precisaram se reinventar, precisaram levar em consideração caminhos alternativos para dar conta dos novos contextos que foram surgindo ao longo de dois anos de distanciamento social – entende-se por distanciamento social a situação do trabalho remoto e a educação a distância.

No âmbito da economia as *techs* se consolidaram com as *Fin-techs* e *Edtechs*, o trabalho remoto ganhou força e as relações no ambiente de trabalho precisaram, também, se reinventar por meio da utilização de aplicativos como o Zoom, o Teams e o Google meet. Na área da saúde os atendimentos on-line se fizeram mais presentes, principalmente no campo da saúde mental; a cultura encontrou nas *lives*<sup>1</sup> uma nova maneira de levar a arte até sua plateia. Todas essas mudanças trouxeram reflexões sobre o estar presente, sobre o vínculo, sobre engajamento, sobre o tempo e sobre o espaço; e o educar a distância alçou voos para além do ensino, fez-se necessário formar o indivíduo para lidar com tantas mudanças, até com um novo jeito de exercer sua cidadania: a digital.

A origem do termo cidadão vem do latim *civitas* que significa cidade, e digital também tem sua raiz no latim *digitalis*, ou seja, tem-se aí uma cidade relacionada aos dedos. Adentra-se no universo digital com os dedos, é o início de um novo modo de perceber outros “lugares”, outros “espaços” e um novo modo de conexão e de criação de vínculos.

---

<sup>1</sup> Transmissão ao vivo – vídeo e áudio, realizada normalmente em redes e/ou plataformas sociais como Instagram e Youtube

Diante de todo esse cenário o *educar a distância*, se torna argumento base quando se trata de defender um conceito mais ubique de educação, principalmente pós-período de pandemia em que, para dar conta de uma situação emergencial, instituiu-se no país – de dimensões continentais – como alternativa para que as escolas e universidades não interrompessem com suas atividades, sob diferentes nomes, o ensino remoto, ensino on-line, educação a distância, aula web, aula on-line, ensino a distância síncrono ou assíncrono e ensino híbrido. Diversos nome para um educar que precisava estar em toda parte, que precisava estar *ubique*<sup>2</sup>.

Todas são modalidade de um conceito ubique de educar, ou seja, está tudo a distância, e a proposta que carrega este artigo é uma noção de uma cidadania ubique atenta às especificidades do universo digital, sem, no entanto, desconsiderar que não há digital sem o analógico. Válido lembrar que a ideia de velocidade discutida em PENALBER (2022) é o ponto de intersecção que une uma nova forma de pensar diante de tantas tecnologias digitais e de um novo território a ser desbravado, sem fronteiras e com uma nova noção de espaço, distância e tempo.

## 1. O conceito Ubique de educar

*Neste mundo, e até também fora dele, nada é possível pensar que possa ser considerado como bom sem limitação não ser uma só coisa: uma boa vontade.*  
(Kant. p. 21, 2019)

O conceito de educar *ubique* refere-se à ideia de que a virtualização do indivíduo pode e deve estar em qualquer lugar. Quando aplicado à educação, esse conceito implica em disponibilizar oportunidades de aprendizado em todos os lugares, a qualquer momento e para qualquer pessoa. No caso de um país como o Brasil, com extenso território e de difícil acesso geográfico em alguns estados,

---

<sup>2</sup> Adv. lat. ‘em toda parte’, com desin. de adj. Que está ao mesmo tempo em toda parte.

a educação *ubique* busca superar as barreiras físicas e geográficas, utilizando a tecnologia e as plataformas digitais para levar o conhecimento a qualquer pessoa, independentemente de sua localização. Isso é especialmente importante em um mundo cada vez mais conectado, em que a informação precisa estar amplamente disponível “na ponta dos dedos”.

Com o modelo de uma educação mais *ubique*, o acesso ao conhecimento não fica mais limitado por fatores como distância, recursos limitados ou falta de instituições educacionais. Através de dispositivos móveis, computadores e conexões de internet, é possível acessar cursos online, materiais de estudo, tutoriais e aulas ao vivo, ampliando, assim, significativamente as oportunidades de aprendizado.

Além disso, uma noção mais *ubique* de educar promove um maior alcance do processo de aprendizagem, visto que o indivíduo pode aprender no seu próprio ritmo, escolher as áreas de interesse que deseja explorar e ter acesso a recursos educacionais adequados às suas necessidades específicas. Isso permite uma abordagem mais individualizada e flexível da educação, permitindo que cada pessoa desenvolva seu potencial ao máximo.

Porém, é importante ressaltar que a educação *ubique* não implica em uma dissociação da educação presencial, ao contrário, é uma forma de unir as duas modalidades, reconhecendo, com isso, o processo de formação do indivíduo como algo inerente à sociedade e que acontece o tempo todo e em todo lugar, ou seja, a interação humana é condição *sine qua non* para o desenvolvimento do Ser, e isso não está ausente no jeito *ubique* de educar, pelo contrário, nessa modalidade a territorialidade se esvai, e as fronteiras para o conhecimento e o saber aumentam; haja visto que a troca de ideias e a construção de relacionamentos são aspectos valiosos do processo educacional que ocorrem também a distância, porém por meio de outras formas de interação.

Fato é que, o conceito *ubique* de educar representa a expansão das fronteiras tradicionais da educação, perpetuando a ideia presente em JAEGER (2013):

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual e uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. (p. 2, Jaeger, 2013)

Ou seja, não fazer diferenciações entre as modalidades presencial e a distância, analógica ou digital, e reconhecer que todo esse processo de educação é *ubique*, oferece oportunidades de aprendizado acessíveis e flexíveis a todos, em qualquer lugar e a qualquer momento. É uma abordagem que valoriza a tecnologia como uma *ferramenta* poderosa para democratizar o conhecimento e promover a aprendizagem ao longo da vida.

Por outro lado, investir em tecnologias e infraestruturas não é suficiente para o conceito ubique de educar, visto que, quem deve estar no centro de tantas transformações não é a ferramenta, mas sim o indivíduo, que deve se tornar sujeito capaz de *lidar com e entender* os impactos tecnológicos na sociedade de modo geral.

Assim o princípio que norteia a elaboração de uma educação mais *ubique*, considerando-se o contexto do Brasil, se encontra no mesmo ponto – psicanalítico – apontado por CALLIGARIS (2000) quando busca entender a origem para a expressão “este país não presta”, ou seja, se assenta na relação que o brasileiro parece não ter com seu país: a de um cidadão.

[...] Pouco importam, com efeito, as razões que cada um agrega para justificar que o país não presta [...] *De onde será que se pode dizer “Este país não presta”?* A frase pareceria natural, se fosse um estrangeiro, mas como enunciação dos brasileiros mesmos, ela surpreende. Parece-me que um europeu poderia afirmar que um governo não presta, que a situação econômica não presta ou mesmo que o povo não presta. Mas dificilmente diria que seu país não presta. Deve haver alguma razão que coloca os brasileiros com respeito à própria identidade nacional, em curiosa exclusão interna que permite articular a frase que me interpela. Esta razão não deve da tarde hoje. [...] (grifo nosso) CALLIGARIS (2000, p. 13)

Nosso processo educacional falha para muitos devido a uma herança histórica (inconsciente) de estarmos numa relação que não queremos estar com nossa pátria, tal qual a do colonizador e do colono apontado por CALLIGARIS (2000) considerando suas posições subjetivas no cenário de construção de uma identidade nacional.

[...] o *colonizador* é aquele que veio impor sua língua a uma nova terra [...] para exercer a potência paterna como se fosse a sua, teve que deixar o corpo da mãe pátria [...] ele tem com o país enquanto corpo uma cobrança que lhe permite dizer “esse país não presta” [...] (p. 16-19, 2000)

O *colono* é quem vindo para o Brasil, viajou para outra língua, abandonando a língua materna [...] procura aqui, numa outra língua, um novo pai que o interdite, certo, e de repente o reconheça (p. 20, 2000) (grifo nosso)

Não nos reconhecemos como capazes de entender nossa própria condição no cenário educacional, vagamos entre o colonizador e o colono sem uma identidade e buscamos por modelos cujas raízes nem sempre vão dialogar com a realidade do Brasil, como país-continente, em uma espécie de neurose crônica entre ser/reproduzir o que *está de fora* ou ser/construir a partir do que *está dentro*.

Se assim é, retoma-se a ideia primeira que levou a um pensar mais ubique no que tange a educação, no Brasil, quando se considerou o dizer de KANT (2019) acerca da autonomia no qual se entende que: “Autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda a natureza racional” (2007, p. 79). Dito de outro modo, a autonomia precisa estar associada à *vontade*, não ao *dever*, visto que *dever* implica, de certo modo, em obrigatoriedade, ou seja, o sujeito brasileiro precisa se desenvolver como cidadão do seu país, por vontade – sair da condição de colonizado, para então dar vazão à virtualização do sujeito resultado de cenários específicos como é a nação brasileira.

Tal noção se desenvolve a partir de todo um percurso para o entendimento do termo autonomia, tendo em vista a observação da ética, dos direitos e da responsabilidade na constituição do indivi-

duo perante a sociedade, *ainda que* idealizada – importante lembrar que a ideia presente no conceito Ubique de educar, passa pela de virtualização do indivíduo, ou seja, não há diferença entre educação presencial e a distância, tudo é educação no amplo sentido da formação do sujeito, implicando, inclusive as questões morais.

Uma educação consciente pode até mudar natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente a descoberta de si próprio e cria pelo conhecimento do mundo exterior e interior formas melhores da existência humana. A natureza do homem na sua dupla estrutura corpórea espiritual cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e organizações físicas e espirituais ao conjunto dos quais damos o nome de educação. [...] Na educação como o homem a pratica, atua a mesma forma vital criadora e plástica que espontaneamente impede todas as espécies vivas a conservação e propagação do seu tipo. É nela porém que essa força atinge o mais alto grau de intensidade através do esforço consciente do conhecimento e da vontade dirigida para a consecução de um fim, (Jaeger, p.2, 2013)

Assim, considera-se três pilares na constituição do conceito Ubique de educar, sendo que o primeiro pilar se encontra no conceito de Autonomia apresentada por Kant.

- Autonomia do indivíduo: A educação ubíqua deve se basear no princípio da autonomia, reconhecendo e respeitando a liberdade e a capacidade do indivíduo de buscar seu próprio conhecimento. Isso implica na promoção de um ambiente educacional que encoraje a autonomia intelectual, o pensamento crítico e a busca ativa pelo conhecimento, permitindo que os estudantes assumam o controle de seu próprio processo de aprendizagem considerando as noções de *vontade* e *dever* kantianas.

O segundo pilar está no aprendizado contínuo:

- Aprendizagem ao longo da vida: A educação ubíqua reconhece que a aprendizagem não se limita apenas aos anos

formais de educação, mas deve ser um processo contínuo ao longo da vida. Essa perspectiva enfatiza a importância de desenvolver habilidades de aprendizagem autodirigida, adaptabilidade e curiosidade (perfil pesquisador) intelectual, para que os indivíduos possam continuar aprendendo e se atualizando ao longo de suas vidas.

E o terceiro pilar está em um novo modo de perceber tempo, espaço, distância, presença e vínculo: conexão

- **Conexão com o mundo real:** a educação ubique busca estabelecer conexões significativas entre o conhecimento adquirido e o mundo real. Os pilares filosóficos incluem a aplicação prática do conhecimento, a resolução de problemas do mundo real e o engajamento com questões sociais, culturais e ambientais. Isso envolve conectar o conteúdo educacional com situações e contextos do mundo real, permitindo que os estudantes compreendam a relevância e a importância do que estão aprendendo.

Esses princípios orientam a forma como a educação é concebida e como deve ser implementada, proporcionando, assim, uma base sólida para uma experiência educacional abrangente e significativa quando o pensar é mais ubique. Vale ressaltar que os parâmetros para o desenvolvimento de uma educação mais ubique está em consonância com as diretrizes preconizadas nas 10 competências gerais preconizadas na BNCC<sup>3</sup> das quais destaca-se algumas:

Conhecimento – valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre os mundos físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade. Continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Pensamento científico, crítico e criativo – exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação,

---

<sup>3</sup> Cf. em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)

a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Cultura digital – compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Autonomia – agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (Fonte: BNCC)

## 2. Somos todos *e-migrantes* digitais

*Nossos alunos mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado* (PRENSKY, 2001, p. 1).

Ao se considerar as competências gerais apresentadas na BNCC, vale citar Prensky (2001) e apontar para algumas das diferenças entre os nativos digitais e os imigrantes digitais, contribuiu, no hoje, para o entendimento do lugar em que nasce a ideia de uma educação mais *ubique*. Contribuiu, também, para o entendimento do que se tem hoje, definido aqui, como sendo o *e-migrante digital* dado ao movimento contínuo que o faz circular entre o universo analógico e o universo digital. No quadro 01, a seguir, tem-se um comparativo entre os nativos e os imigrantes digitais sob a perspectiva de PRENSKY (2001). E no quadro 02, apresenta-se o que seria o *e-migrante* digital na perspectiva desse artigo:

### Quadro 1 – Nativos digitais vs imigrantes digitais

| <b>Nativos digitais</b>                         | <b>Imigrantes digitais</b>  |
|---|---|
| Receber informações muito rapidamente           | Têm pouca apreciação por estas novas habilidades presentes nos nativos digitais |
| Preferem acesso aleatório (como hipertexto).    |   |
| Gostam de processar mais de uma coisa por vez   |   |
| Gostam de realizar múltiplas tarefas            |   |
| Preferem gráficos antes do texto                |   |
| Preferem jogos                                  |   |
| Trabalham melhor ligados a uma rede de contatos |   |

Fonte: baseado em PRENSKY (2001)

Sabe-se que *Migrante* é todo indivíduo que se desloca do seu lugar habitual, seu local de nascimento para outro lugar, região ou país. Dado o contexto ubique das reflexões apresentadas neste artigo, o lugar a que se refere é, também, o digital.

### Quadro 2 – e-Migrantes digitais

| <b>e-Migrantes digitais</b>               |
|---|
| Buscam conteúdos de exposição rápida      |
| Possuem essência horizontalizada          |
| Informação + Conhecimento = Saber         |
| Transitam em cenários de menor hierarquia |

Fonte: elaborado pela autora

O quadro 2 apresenta o *e-migrante* digital como sendo um perfil constituinte do pensamento presente no conceito ubique de educação, ainda em construção, mas que já aponta para um entendimento mais amplo e assertivo acerca da educação on-line, digital, remota e de tantas outras definições para quando o *educar se dá a distância*.

## Considerações finais

A educação Ubique pode e deve ir além do *broadcast* ao desafiar as concepções tradicionais de aprendizado e promover uma visão mais ampla e integrada do conhecimento, pois já iniciamos o processo de sermos todos *e-migrantes digitais*. Levar em conta que a descentralização do conhecimento implica em reconhecer que o conhecimento não está mais centralizado em um único local ou instituição. E que dado a isso, é fundamental valorizar a diversidade de perspectivas e conhecimentos distribuídos em diferentes comunidades, culturas e experiências. Assim, vai além do *broadcast* – ao permitir que os estudantes acessem uma variedade de fontes e desenvolvam uma compreensão mais abrangente do mundo.

Outro ponto essencial é a autonomia dos sujeitos sob a perspectiva kantiana quando da oposição *dever vs vontade*; visto que, deve-se dar atenção a responsabilidade do indivíduo no processo de aprendizado; dessa forma, um educar ubique encoraja a autorreflexão, o pensamento crítico e a construção ativa do conhecimento, em vez de meramente transferir informações ou fazer curadoria de dados para gerar conhecimento, é preciso promover o *Saber*. Isso implica em aceitar que o processo de ensino-aprendizagem não é apenas um transmitir e organizar informações, mas correlacionar diferentes conhecimentos, e por conseguinte, *saberes* – de modo a se ter um constante e contínuo aprendizado a respeito da sociedade multidisciplinar na qual se vive.

Vale ressaltar que para que o aprendizado seja constante e ativo, é importante que as conexões não sejam apenas interdisciplinares, mas também transdisciplinares. No entender da educação Ubique, buscar transcender as fronteiras disciplinares e integrar diferentes áreas de conhecimento, criar o conhecimento significativo, visto que, enfatiza a interconectividade e a interdependência dos assuntos, incentivando o indivíduo a fazer conexões entre diferentes áreas de estudo e a explorar abordagens multidisciplinares, de forma a promover uma compreensão mais integrada do mundo, desenvolvendo com isso o *saber*.

Vale destacar que a noção de que o aprendizado não é limitado a um período específico da vida, mas é um processo contínuo e ao longo da vida, promove a busca constante por conhecimento, o desenvolvimento pessoal e a adaptação às mudanças em um mundo em constante evolução – *saber*. E isso implica reconhecer que a educação vai além das instituições formais de ensino e se estende a experiências informais, autodidatismo e aprendizado em contextos do dia a dia.

Pensar de forma mais ubíqua não é só um convite para repensar as abordagens educacionais e a explorar novas formas de aprendizado que estejam em sintonia com as demandas e os desafios do mundo contemporâneo, mas é, principalmente, a busca de uma formação mais plena do cidadão brasileiro.

## Referências

CALLIGARIS, Contardo. Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. São Paulo: Escuta, 1991. **Sociedade e Estado**, v. 6, n. 01, p. 179-182, 1991.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Modos de endereçamento**: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KANT, Immanuel : tradução QUINTELA, Paulo. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Textos filosófico, edições 70, 2019.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Filosofia world**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza e Silva; trad.: Adail Sobral. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: Maria Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. **Discurso e análise do discurso**. Trad: Sírío Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

\_\_\_\_\_. Retorno crítico à noção de ethos. **Letras de Hoje**, v. 53, n. 2, p. 321-330, jul./set. 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-77262018000300321&script=sci\\_arttext&tlng=pt#B5](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-77262018000300321&script=sci_arttext&tlng=pt#B5)>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MARTINS, Evandro Silva. A etimologia de alguns vocabulários referentes à educação. **Olhares & Trilhas**, v. 6, n. 1, p. 33, 2005.

PENALBER, Mônica. **Movimento de Precessão Social – Ead, Distância Transacional e Pandemia: uma Análise Discursiva**. Linguagem em perspectiva [recurso eletrônico] : língua, literatura, ensino / organização José Gaston Hilgert ... [et al.]. - 1. ed. - São Paulo : Pá de Palavra, 2021.

Silva, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito/ organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva** --- Belo Horizonte: Autêntica, 2001.